

Os museus devem ter, entre outras funções, a de recolher e classificar documentos históricos, colecionar e expor objetos de valor histórico e artístico e também, a de resgatar a própria história.

Com essa visão, fomos atraídos para a possibilidade de contribuímos para a organização e montagem do museu dos pomeranos de Santa Maria de Jetibá-ES.

Apresentamos um projeto à Sub-Reitoria de Extensão da UFES e recebemos todo apoio e incentivo do Sub-Reitor Domingos Gomes de Azevedo. O projeto é também financiado pela Prefeitura de Santa Maria de Jetibá e o Prefeito, Sr. Helmar Potratz, não tem medido esforços para a sua execução. Recebemos ainda apoio financeiro do Governo Max Mauro. Para a obtenção de recursos, elaboramos um projeto que foi encaminhado à República Federal da Alemanha, através do então cônsul Frederico Seide e recebemos a doação de 15 mil marcos.

O museu será instalado na antiga residência do diretor da estação de fruticultura, cedida em comodato à Prefeitura, pela Cooperativa Avícola de Santa Maria de Jetibá Ltda.

A comunidade de Santa Maria, formada em sua maioria por descendentes de imigrantes pomeranos, que ali se instalaram a partir de 1857, tem mantido muitos dos seus antigos costumes e tradições, a língua e a religião. Com a construção de modernas estradas asfaltadas, com a influência cada vez maior do rádio e, sobretudo, da televisão, esses costumes tendem a desaparecer.

A organização do museu será, pois, como objetivos, preservar a história desses imigrantes e torná-lo útil à população de Santa Maria de Jetibá, contribuindo para a solução de seus problemas imediatos, tais como o alcoolismo, o câncer de pele, o uso de agrotóxicos e outros. Estes seriam temas a serem abordados em exposições temporárias.

A proposta do museu será, pois, a de contar a trajetória da imigração pomerana, abrangendo sua saída da Europa, a chegada ao Brasil, seu estabelecimento, as dificuldades encontradas, a superação dos problemas iniciais até se chegar à situação da realidade atual, mostrando ainda o dia-a-dia de seus descendentes.

Serão utilizados diferentes tipos de objetos, tais como equipamentos agrícolas, máquinas, tachos, etc.

Pretendemos promover em mutirão, a construção de uma autêntica casa pomerana (anexa ao museu), que será depois mobiliada e ornamentada com objetos típicos e que contará com utensílios usados na vida doméstica cotidiana.

A exposição será dividida por temas. Em cada ambiente, trataremos de um assunto e através de textos e objetos, pretendemos passar a informação para o público.

Abordaremos os seguintes temas:

1) A VINDA DOS IMIGRANTES: Situação sócio-econômica e política da Alemanha no início e meados do século XIX.

Neste tema, iremos abordar as causas que levaram esses homens a se desvincularem de sua pátria, das suas tradições culturais, muitas vezes das suas famílias, para iniciarem uma viagem sem retorno, que os levaria a uma terra longínqua e estranha, de hábitos diversos. Fortes razões devem ter tido, certamente, junto com muito espírito de aventura e um certa atração pelo desconhecido.

Entretanto, não podemos deixar de concordar com o autor cuja afirmativa é a de que muitas pessoas "jamais emigrariam se soubessem claramente o que as aguardava no fim da estrada".

Faremos uma breve análise da situação social e política reinante na Alemanha, no início e em meados do século XIX.

Apesar da existência de uma companhia por parte da imprensa européia contra a emigração, foi grande o número daqueles que deixaram a Alemanha, ao longo do século XIX. De 1851 a 1860, cerca de 60.000 alemães saíram, a cada ano. Nos anos seguintes, este número cresceu para 82.000. Muitos se dirigiram para os Estados Unidos e para outros países da América do Sul, além do Brasil.

Nunca saberemos quantos realmente melhoraram de sorte. Segundo o depoimento de vários colonos, seus antepassados só não voltaram porque não puderam.

Quando se decidiam a deixar a sua terra, dirigiam-se à Casa de Emigração, onde recebiam as "cartas de chamada" ou contratos de trabalho.

Os intermediários se encarregavam de providenciar os documentos necessários e recebiam uma taxa pelo serviço de acompanhamento, até que os colonos seguissem viagem.

Antes do embarque, o médico da Agência de Emigração fazia uma inspeção, rejeitando os que estivessem fracos e doentes. Depois, ainda eram selecionados pelos governos e empregadores estrangeiros, que mantinham na Europa comissões encarregadas de realizar a seleção.

Após a autorização do governo, a sua passagem pela inspeção médica e pelo processo seletivo, o emigrante recebia o passaporte, documento que autorizava sua saída do país de origem e permitia a sua entrada em um outro país.

Organização e montagem do Museu dos Pomeranos em Santa Maria de Jetibá - Espírito Santo

Regina Rodrigues Hees
Sebastião Pimentel Franco

Os emigrantes ficavam alguns dias nas ruas, praças ou albergues, antes de subirem a bordo, à espera da partida de seu navio.

Com a extinção do tráfico de escravos, com as leis abolicionistas e com a crescente expansão da lavoura cafeeira, cada vez mais, passou a haver a necessidade de serem recrutados trabalhadores livres. No Brasil, optou-se pela introdução do emigrante agricultor.

Na sua maioria, os imigrantes eram camponeses, embora também houvesse operários, artesãos, comerciantes, um ou outro industrial ou homem de negócio.

Os colonos partiam principalmente do porto de Hamburgo. O governo se comprometia a adiantar a passagem da Europa até Vitória e daí até o lugar de seu destino.

Por sua vez, o colono assumia o compromisso de pagar a passagem, ferramentas e sementes depois de três anos de residência no seu "prazo". Esses pagamentos iguais, ao longo de quatro anos. Depois de três anos, também começaria a pagar a terra, hipotecada ao governo. Nela deveria residir com a sua família, obrigatoriamente.

O tempo da viagem variava de acordo com a capacidade do navio, durando cerca de 2 meses.

As doenças, a falta de higiene, as deficiências de alimentação e o calor, ocasionavam mortes durante as viagens. Na maioria dos navios, não havia serviço médico. Viajava um comissário do governo para dar assistência e informações para os imigrantes, mas pouco fazia de fato.

As viagens nos navios eram penosas. Havia as cabinas de 1ª, 2ª, e 3ª classes ou dormitórios (porões), que eram mais baratos. Os cartazes e as propagandas sobre as viagens eram bem diferente da realidade.

2. O ESTABELECIMENTO NO BRASIL E A OCUPAÇÃO DA TERRA

Neste tema, abordaremos questões como: portos de desembarque, a quarentena na hospedaria, a viagem para colônia, a recepção na chegada à colônia, a distribuição de lotes, o trabalho inicial e as adversidades, as residências.

Após duríssima viagem, os imigrantes desembarcavam no porto de Vitória e eram levados à hospedaria da Pedra D'Água, que tinha por função alojá-los durante a quarentena. Depois, eram levados para os núcleos coloniais.

Criados pelo Governo Provincial, as hospedarias tinham por objetivo abrigar os colonos recém-chegados. Nelas, havia dormitórios, refeitórios, farmácia. Os imigrantes que saíssem não poderiam ser readmitidos, com exceção das viúvas com filhos. O período de alojamento era de 8 dias, sendo comum, no entanto, o desrespeito a este prazo com a permanência do imigrante por mais tempo. Muitas vezes, ele era contratado para trabalhar na hospedaria.

Devido à fadigante viagem, não era raro acontecerem mortes de imigrantes na hospedaria, principalmente de crianças.

Da hospedaria da Pedra D'água, os imigrantes eram transportados para o Porto de Cachoeiro, em canoas, pelo Rio Santa Maria, num percurso de 23 km. Era então alojados em barracões, que deixavam muito a desejar em conforto e higiene.

A AQUISIÇÃO DE TERRAS

Um dispositivo legal rezava que a aquisição de terras devolutas só podia ser feita através de compra. Essa lei obedecia à influência dos ricos latifundiários., contrários à concessão gratuita de terras, pois desejavam braços para as suas lavouras, e não lhes interessava o aparecimento de uma classe formada por pequenos agricultores.

Pelo Ato Adicional de 12 de agosto de 1834, as Províncias tinham ficado com a faculdade de promover a Fundação de núcleos coloniais.

A lei orçamentária número 514, de 28 de outubro de 1848, afirma a competência de colonizar por parte dos governos provinciais e concede terras devolutas para a criação de núcleos coloniais.

No início, o governo da Província do Espírito Santo distribuiu lotes de 50 hectares. Mais tarde estes lotes foram reduzidos a quase a metade (30,25ha).

VINCULAÇÃO DOS COLONOS COM O GOVERNO DA PROVÍNCIA DO ESPÍRITO SANTO

Faremos uma análise da situação legal dos colonos, bem como de seus vínculos com a Província.

O governo concedia um lote de terra ou "prazo" a cada chefe de família.

Em cada lote, o governo se comprometia a fazer uma derrubada de mil braças quadradas para a primeira lavoura e um rancho para habitação provisória. Forneceria ferramentas necessárias a cada família, de acordo com o número de pessoas capazes de trabalhar na lavoura. Forneceria sementes diversas (milho, feijão, batata, abóbora) para a primeira plantação, um casal de porcos, duas galinhas,

um galo, "tudo pelo preço corrente". Forneceria também para a alimentação, por espaço de seis meses, segundo os membros de cada família e em relação às idades, uma diária, que seria paga mensalmente. Estas diárias iriam causar uma série de problemas aos diretores de colônia, como se pode constatar na correspondência entre os diretores e os presidentes da Província. Eram freqüentes os atrasos no pagamento, provocando queixas e distúrbios entre os colonos que se reuniam na sede da colônia no dia marcado e eram obrigados a retornar de mãos vazias, muitas vezes depois de terem caminhado horas a pé, em terreno íngreme. Quando recebiam o dinheiro, eram comuns as farras e bebedeiras, que, não raras vezes, terminavam em brigas e desordens. Para evitar tais fatos, o Governo Imperial autorizou, pelo aviso de 28 de agosto de 1860, que o pagamento fosse feito em vales que dariam direito à retirada de víveres numa determinada casa comercial. Esta receberia o pagamento em dinheiro, do próprio governo.

Em caso de doença ou de má qualidade da terra, o pagamento podia ser prolongado por um período maior do que o estipulado.

A suspensão do pagamento dessas diárias foi outra fonte de descontentamento. Em 1878, trezentos colonos do núcleo de Timbuy (que fazia parte da colônia de Santa Leopoldina) compareceram a Vitória para reclamar, junto ao presidente da Província, Dr. Manoel da Silva Mafra, a suspensão repentina dessa remuneração.

Para suprir as necessidades quando aqui chegassem, alguns imigrantes trouxeram, entre seus apetrechos, o material que iriam utilizar. Era comum trazerem alguns objetos, como louças, pequenos móveis, roupas, ferramentas, máquina de costura, etc.

Como não havia possibilidade de se trazer tudo de que necessitavam e como não possuíam recursos para comprar quando aqui estavam estabelecidos, o jeito era improvisar, fabricando esses pertences com o material disponível.

Assim como ocorria freqüentemente erro na destinação dos imigrantes, o mesmo acontecia com suas bagagens, o que provocava séria confusão. Se já eram pequenos os seus pertences, imagine-se a falta que fazia não os possuir no momento que aqui chegavam.

Eram inúmeras as reclamações de imigrantes que vinham com um destino e eram encaminhados para outro. Para aumentar ainda mais seu sofrimento, algumas vezes eram separados de seus parentes, o que provocava revoltas. Em alguns casos, o erro era corrigido, em outros isto nunca ocorria.

Nem sempre os imigrantes recebiam um terreno bem localizado. Além das dificuldades quanto à adaptação ao clima e à topografia das terras, também enfrentavam sérias dificuldades, como as doenças, as mordidas de cobras e de outros animais perigosos.

Muitos problemas também foram ocasionados por incorreções na demarcação dos lotes.

3. HIGIENE E MEDICINA

Aqui iremos evidenciar como era a vida na colônia, no que se refere à higiene e à medicina, mostrando as dificuldades encontradas e a evolução por que passou a região até a atualidade.

A vida na colônia não era nada fácil. Clima adverso, topografia acidentada, proliferação de mosquitos, má alimentação, animais ferozes e peçonhentos, contribuíram decisivamente para que a vida dos colonos fosse extremamente penosa.

Não dispondo de médicos e remédios, o colono ficava bastante vulnerável às doenças, que provocavam muitas mortes. A solução era recorrer a benzimentos e orações. Depois, aos remédios caseiros, que passaram a ser feitos de ervas encontradas na região. Nos primeiros tempos, não usavam estas ervas, pois não as conheciam e temiam os efeitos maléficos que poderiam trazer. Tal situação provocava reações de algumas pessoas que alertavam o governo, solicitando providências para a solução deste grave problema.

O abastecimento de medicamentos aos núcleos coloniais sempre foi precário, não só devido à ausência de estradas, mas também pelos preços elevados, impossibilitando aos colonos sua aquisição. Os remédios mais usados eram açafraão, sulfato de magnésio, óleo de amêndoas, bálsamos.

Embora fosse o médico um funcionário do governo a serviço da colônia, raramente se fazia presente, pois muitas vezes tinha que percorrer inúmeros núcleos coloniais, ficando os imigrantes muitas vezes entregues à própria sorte.

Para solucionar o problema de picadas de cobra, foi criada, em 1930, a chamada "caixa de cobras", uma vez que havia uma grande quantidade delas na região, devido à topografia acidentada e ao clima. Em época de enchente, quando as baixadas se alagam, elas aparecem ainda mais. Muitas mortes ocorriam pela falta de socorro em tempo, por causa da ausência de estradas e da precariedade nos atendimentos. Atualmente, os associados da "caixa de cobras", pagam uma anuidade equivalente a 5% do salário mínimo e recebem soro antiofídico quando necessitam.

A situação da saúde na região, durante décadas foi altamente deficitária, e toda vez que um paciente precisava de cuidados especiais, tinha que ser removido para Santa Leopoldina, ou mesmo para Vitória.

Hoje, a região conta com uma unidade sanitária na área urbana e quatro na área rural. Possui ainda duas clínicas particulares, quatro farmácias. Encontra-se em construção um hospital na sede do município, que será inaugurado em outubro de 1991. Apresenta ainda um farmácia básica, um laboratório de análises clínicas e o povo recebe assistência odontológica gratuita.

Devido aos problemas ocasionados pela utilização exagerada de produtos tóxicos na produção agrícola, tem ocorrido freqüentemente intoxicação nos produtores, provocando inclusive a morte de alguns deles.

Outro problema que aflige muito os produtores é a questão da exposição excessiva aos raios solares uma vez que trabalham de sol-a-sol. Como a sua pele é muito branca e vulnerável, é freqüente serem acometidos de câncer de pele.

4 - A ECONOMIA

Neste tema, tentaremos fazer uma análise da vida econômica da região, desde o estabelecimento dos primeiros colonos até o presente, abordando a questão da subsistência do núcleo, o sistema de escoamento da produção através de tropas e canoas, a construção da rodovia, a produção agrícola (café, hortigranjeiros) a venda e a sua relação com o colono, o comércio, as fábricas, os bancos, etc.

A princípio, a produção da região garantia apenas a sua subsistência, permanecendo desta forma desde o estabelecimento dos colonos, na segunda metade do século XIX, até o final do mesmo século.

A maioria dos colonos são proprietários, alguns são meeiros, outros diaristas e alguns comerciantes, que apesar de constituírem uma classe minoritária, possuem o maior poderio sócio-econômico. Seus lucros são muito superiores aos dos proprietários rurais, têm força política e autoridade. São os maiores atravessadores da produção de café, feijão e milho. Os maiores comerciantes têm, inclusive armazéns onde estocam a produção, à espera de um bom preço, diferentemente do produtor, que muitas vezes, tem que vender ao comerciante, por preços baixos, seu produto, em troca de outros, da loja do comerciante. Muitos, além de comerciantes, são também agricultores.

Algumas vendas são amplas e sólidas, outras, bem menores e modestas. Uma das características é possuírem tudo de que necessita um colono: tecidos, chapéus, sombrinhas, ferramentas, alimentos, etc.

O desenvolvimento da região se dará realmente com o incremento da horticultura, principal fonte de renda da maior parte dos agricultores locais.

5. A EVOLUÇÃO DA REGIÃO

O povoamento da região que hoje compreende o município de Santa Maria de Jetibá, teve início quando da formação da colônia e do assentamento dos pomeranos em Santa Leopoldina, à qual esta região estava ligada.

A colônia de Santa Leopoldina dividia-se em 3 núcleos: Porto de Cachoeiro, que abrangia terras do atual município de Santa Leopoldina; Timbui, que abrangia terras do atual município de Santa Teresa e Santa Cruz, que abrangia terras do atual município de Ibiracú. Em 1878, o núcleo Porto de Cachoeiro era constituído dos seguintes distritos: Bragança, Suiça, Santa Maria, Holanda, Jaquitibá, (atualmente Jequitibá), Gallo, Melgaço, Caramuru, Rio da Farinha. A colônia se emancipou em 06 de julho de 1882. Pela lei número 21 de 04 de abril de 1884, a colônia foi constituída em município, sendo sua sede elevada à categoria de Vila.

Pela Lei número 4.067, aprovada pela Assembléia Legislativa, publicada no Diário Oficial do Estado do dia 10/05/78, foi criado o município de Santa Maria de Jetibá, desmembrado de Santa Leopoldina.

A primeira eleição municipal foi realizada no dia 15 e novembro de 1988 e apresentou os seguintes resultados:

- HELMAR POTRATZ (PMDB) 2.998 votos
- EDSON BERGER (PFL) 2.288 votos
- ISIDORO BOLDT (PT) 492 votos
- Votos em branco 625
- Votos nulos 86

Para a Câmara Municipal, foram eleitos:

Hilário Roepke, Adelino Stange, Alfredo Pagung, Arcílio Agner, Argeô João Uliana, Eliscu Berger, Georg Marquadt, Hilário Boening, Honório Lauvers, Lucas Gums, Marcelino Velten, Paulo Schmidt, e Solimar Plaster.

Os eleitos tomaram posse no dia 01/01/89, para um mandato que encerrará no dia 31/12/92.

O município ocupa uma área de 734 Km², dividida em dois distritos: Garrafão e sede.

Limita-se ao norte com os municípios de Itarana e Santa Teresa, ao Sul com Domingos Martins, a oeste com Afonso Cláudio e a leste de Santa Leopoldina.

Em 1980, tinha uma população de 15.962 habitantes, dos quais 1.377 residentes na área urbana e 14.585 na área rural.

A cidade de Santa Maria de Jetibá é ligada à capital do Estado por estrada asfaltada. São 33 Km até Santa Leopoldina e dali a Vitória mais 47 Km, num total de 80 Km.

Possui, segundo dados de 1989, 432,05 Km de estradas vicinais, conservadas através de multirôcs, organizados por iniciativa da comunidade, com o apoio da Prefeitura Municipal, que fornece as máquinas.

A sede conta com um posto telefônico, possuindo os sistemas de discagem direta a distância (DDD) e discagem direta internacional (DDI).

A maioria das comunidades rurais possui energia elétrica, o abastecimento de água tratada é feito pela CESAN, não havendo ainda serviço de esgoto.

Inexistem emissoras de rádio. Contam com uma agência da Empresa Brasileira de Correios.

Na sede do município há duas agências bancárias.

Pretendemos, através deste tema, evidenciar a evolução administrativa e política da região, desde o estabelecimento da colônia, mostrando sua evolução para distrito e atualmente município.

6. EDUCAÇÃO

Nos anos anteriores à Segunda Guerra, todo o ensino era dirigido por pastores, havia orientação religiosa e as aulas eram dadas em alemão.

Antes da vinda dos pastores, as escolas não existiam. E quando estes chegaram, no início do século, a maior parte das crianças não frequentava a escola por dificuldades de locomoção e mesmo por falta de interesse dos pais, mais preocupados com braços para lavoura.

A Igreja Luterana muito contribuiu para fazer com que os pais mandassem os filhos para à escola, criando, inclusive, "leis religiosas" a respeito. Muitos não tinham esse hábito, pois cresceram e viveram algum tempo numa época em que as escolas não existiam, pelo menos nas proximidades de seus domicílios.

De uns anos para cá, e graças ao trabalho da igreja, os pais já se preocupam em fazer com que os filhos aprendam a ler e a escrever e cursem o primeiro grau até a terceira ou quarta série. Mas ainda não se conscientizaram da importância de fazer com que os filhos continuem os estudos, alegando que com o quinhão de terra que cada filho receberá, não haverá necessidade de aprender mais. Outros pais afirmam que não têm condições de levar os meninos todos os dias a Santa Maria, onde prosseguiam os estudos. Alguns não hesitam em impedir que o filho vá à escola, sob alegação de que precisam de seu auxílio na colheita.

Segundo depoimento da atual Secretária de Educação, o município conta com 56 escolas, com 3.500 alunos matriculados. Uma escola está sendo construída em Garrafão, para alunos de 1ª a 8ª série. Só existe pré-escola em Alto Rio Possmoser e uma escola Pluridocente em Jetibá. Existe ainda, em Santa Maria, uma escola de magistério (3 anos), com 88 alunos. (44 do sexo feminino e 44 do sexo masculino).

7. ASPECTOS CULTURAIS E LAZER

Atualmente, o futebol, praticado por amadores em todo município, constitui uma das principais diversões masculinas.

Todos, especialmente os jovens, encontram nos bailes uma das distrações preferidas. O município conta com dois clubes. Festas familiares, como o casamento, são motivos para danças, ao som das concertinas.

O rádio tem uma grande importância para os colonos. Atualmente, a televisão vem sendo vista pela maioria da população, inclusive da área rural.

As festas mais importantes continuam ligadas à religião: dia da fundação da Igreja, dia do colono (25 de julho), Natal, Páscoa, Dia da Reforma (31 de outubro). Atualmente, uma festa importante é a festa do Município (06 de maio). Podemos citar ainda as festas juninas.

A Igreja Luterana é responsável pela UASE - União de Assistência as Senhoras cujo objetivo é promover estudos bíblicos, horas sociais, visitas a doentes, idosos, etc.

A cidade conta com um ginásio de esportes.

Nos primeiros anos de colonização, as diversões dos colonos eram muito limitadas e se restringiam às festas religiosas e as familiares. O trabalho absorvia todo o tempo. Mas temos que destacar uma ocasião de festa para a família e para a comunidade em geral: o casamento. Esta festa segue velhos costumes que têm sido preservados através dos anos. Atualmente, notamos que, em Santa Maria, as noivas já fogem às antigas tradições nupciais. Com a penetração da televisão, acreditamos que estas tradições tendem a desaparecer.

8. A RELIGIÃO

A maior parte dos colonos vindos para o atual município e Santa Maria de Jetibá era constituída de luteranos, mas ali se instalaram também alguns católicos, que construíram uma igreja dedicada a São Sebastião, a 8 Km do sul da atual cidade de Santa Maria de Jetibá. Aos poucos, foram se instalando muitos luteranos nas proximidades. Eles se sentiram minoria e resolveram partir, pois havia grande animosidade entre os católicos e protestantes. Levaram a imagem de São Sebastião para Recreio (outro povoado situado a 8 Km, a nordeste de Santa Maria), onde ergueram uma igreja ao mesmo santo. Ainda hoje, Recreio é um reduto de católicos e o lugar da primitiva igreja de São Sebastião conserva o nome do santo.

Constou-nos o Sr. Henrique Boldt que a família Klemps foi uma das primeiras a chegar. Construiu uma casa grande e dava abrigo provisório aos que foram chegando depois. Esta casa ficou conhecida como "casa de recepção".

Nos primeiros tempos, todas as famílias se reuniam aos domingos na casa do Sr. Klemps, liam a Bíblia, discutiam os seus problemas. Quando um não comparecia, todos iam juntos a sua casa, para saber o que havia acontecido. Havia muita união, muita coesão familiar. A religião luterana é praticada pela grande maioria da comunidade em estudo. Das 300 famílias que entrevistamos em 1978, 87.66% eram luteranas. E a percentagem teria sido maior se não tivéssemos aplicado o questionário em Recreio, como vimos, um reduto de católicos.

Durante os primeiros anos, depois da chegada à província do Espírito Santo, eles não tiveram assistência de pastor nenhum. Com o crescimento e expansão das colônias foram-se multiplicando também as igrejas e foram se dividindo as comunidades luteranas. Assim, da comunidade da Santa Leopoldina surgiu, em 1879, a de Jequitibá, portanto a igreja mais antiga do município e, em 1904, a de Santa Maria de Jetibá. Os pastores passaram a ter um papel de enorme importância junto àquela comunidade. Administravam a instrução, davam certa assistência à saúde, atuavam como conselheiros e orientadores. Vinham diretamente da Alemanha. Atualmente, são formados em seminários brasileiros, localizados, na maioria, no sul do país. Mas muito deles são descendentes de alemães.

Ainda hoje, a vida do colono está muito ligada à igreja, e frequentá-la aos domingos é, não só um obrigação, mas também um lazer. Ali encontra o colono seus amigos, troca idéias. E as principais festas da comunidade são religiosas: o Natal, a Páscoa, Pentecostes e o dia da Reforma de Lutero (31 de outubro). Dessas, o Natal é a mais importante. Com meses de antecedência, fazem-se os preparativos. A igreja de Santa Maria de Jetibá organiza até peças de teatros representadas pelos jovens, a cujos ensaios já tivemos oportunidade de assistir.

Na noite de Natal, todos comparecem à igreja e ali as crianças recebem um presente comprado pelo pai, que o passa para às mãos do pastor. Antigamente, era esse o único presente que os filhos ganhavam. Mas, de uns anos para cá, as famílias, pelo menos as de recursos, costumam oferecer outros brindes em casa.

Em todas as casas, vamos encontrar a árvore de Natal, com enfeites variados, alguns muito singelos. Pedacos de algodão, flores de papel colorido ou de plástico, figuras recortadas em papelão são presos nos galhos. Como percorremos a região no mês de dezembro, pudemos ver essas árvores sempre no meio da sala, onde todos se reúnem para a ceia de Natal. Portas e janelas também são enfeitadas.

Graças à religiosidade do povo, seu apêgo às tradições, continua sendo grande o prestígio da Igreja Luterana. Mas a sua importância era ainda maior nos anos anteriores à Segunda Guerra, quando todo o ensino estava nas mãos dos pastores, havia orientação religiosa e as aulas em alemão.

Estes serão portanto os temas a serem abordados.

Estamos envidando esforços para que o museu possa ser inaugurado ainda neste semestre. Esperamos que a partir de então, ele venha contribuir para manter viva a epopéia da imigração pomerana e que possa ser de utilidade à comunidade de Santa Maria.